

## "O LIVRO DO DESASSOSSEGO"/"DAS BUCH DER UNRUHE"

JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO \*

Mesmo um leitor assíduo de Pessoa, colocado perante este conjunto de fragmentos, organizados segundo critérios diversos que não são transparentes e que obedecem em grande parte à intuição dos editores<sup>1</sup>, não pode deixar de ficar impressionado com a profundidade poética destes textos e, em estreita ligação com ela, com a originalidade da linguagem em que foram concebidos e escritos 'pelo ajudante de guarda-livros Bernardo Soares'. A língua, com efeito, deste livro inacabado e para que o autor não chegou sequer a elaborar um plano ou esquema que servisse de guia aos futuros possíveis editores (notemos que a maioria dos fragmentos não está sequer datada), caracteriza-se por abundantes e frequentes

---

\* Universidade de Coimbra

<sup>1</sup> Coelho, Prado, primeiro editor do *Livro do Desassossego*, e as suas colaboradoras não tomam explícito o critério ou critério da sua ordenação dos fragmentos. LIND, G. R., que naturalmente se baseou nesta edição, traduziu apenas cerca de metade dos fragmentos — que perfazem, quanto a extensão, uns 2/3 da obra que nos resta —, deu-lhes uma nova ordenação segundo um critério que também não é revelado. QUADROS, Amónio de, finalmente, ordenou os fragmentos cronologicamente; mas como *só* uma parte deles se encontra datada, ou presume uma data a uns dos não datados, ou os ordena "segundo os dados da [sua] crítica estética" o que é um critério demasiado subjectivo. É claro que uma ordenação com carácter definitivo e simplesmente utópica. Como muito bem diz PERRONE-MOISÉS, Leyla na Introdução à sua edição — Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Seleção e introdução: PERRONE-MOISÉS, Leyla, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986 : "Esta edição do *Livro do Desassossego* é discutível. Como todas, passadas ou futuras, por uma razão ou por outra" (p. 34), acrescentando adiante: "Quanto à ordenação dos fragmentos, qualquer edição do *Livro* será sempre um percurso preferencial de leitura" (p. 35). e um pouco abaixo: "Corri conscientemente o risco de dar uma estruturação a uma obra que foi deixada desestruturada, de fazê-la perder um pouco do seu aspecto desconexo e vagabundo. Entretanto toda a leitura é uma estruturação, uma selecção e uma ordem, e mais vale assumi-la com os inevitáveis riscos" *{iludem}*. Mas leia-se toda essa Introdução.

anomalias em relação à norma, e até ao sistema (prefiro dizer 'esquema') do português, que consistem; 1.º) em palavras forjadas pelo autor, como são *desdormir* — "Durmo e desdurmo". (99)<sup>2</sup> —, *completidão*, *inevitabilizar*, *mesmamente*, *outrar-se*, *desverde*, *menos-calores* n. pl., *imbastantemente*; 2.º) combinações sintácticas inesperadas, como *fazer não fazer nada*, *casas ingremadas* (de *ingreme*), *branco branco* (em que o segundo lexema, como adjectivo, classifica o primeiro, substantivo), *diferenças socalcadas da casaria*, *nuvens átonas*; 3.ª) construções verbais não consentidas pela norma, como "*repugno a vida... repugno o sonho*" (96), "*Os idyllios longínquos... doem-me esta hora análoga por dentro*" (176), "*Chego à foz da Rua da Alfândega,... e, ao clarear-me o Terreiro do Paço,...*" (181), "*soffro-me o envulcro de mim mesmo*" (427).

E claro que, se, como sucede com efeito, estas anomalias podem dificultar a compreensão do texto a um leitor, mesmo culto, de língua portuguesa, elas representam maiores dificuldades ainda para o tradutor que pretenda fazer dele, não uma simples *Übersetzung* (digamos, *tradução*) mas uma verdadeira *Übertragung* (digamos, *versão*)<sup>3</sup>.

É justamente dificuldades desta natureza que pretendemos verificar como resolveu e se resolveu o tradutor alemão Georg Rudolf Lind, que é, parece-me, o melhor conhecedor de língua alemã de Fernando Pessoa, de cuja obra tem feito várias traduções. Vamos pois analisar alguns textos de Bernardo Soares em comparação com os seus correspondentes no texto de Lind e comentar este, tendo em vista os recursos de que dispôs na língua de chegada (*Zielsprache*) relativamente aos textos pessoanos na língua de partida (*Ausgangssprache*).

Comecemos pelo seguinte micro-texto em que a dificuldade não é das maiores.

Ha em mim uma noção confusa de um intervallo incognito, um esforço futil de parte da memoria para querer encontrar a outra. Não consigo reatar-me. Se tenho vivido, esqueci-me de o saber (166).

---

<sup>2</sup> O algarismo, entre parêntesis, que segue cada micro-texto aqui analisado, refere-se ao número do fragmento respectivo na edição de Coelho, Prado e na tradução de LIND.

<sup>3</sup> Obedecendo aqui a norma da língua alemã, inverteo aqui os termos propostos por COSERIU, E. no seu aliás excelente ensaio "Falsche und richtige Fragestellungen in der Übersetzungstheorie". sep. de Lillebill Grähs-Gustav Korlén-Bertil Malmberg (ed.), *Theory and Practice of Translation*, Bern-Frankfurt a. M.-Las Vegas, Verlag Peter Lang, 1978, p. 29 (trad. esp. "Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción" in *El hombre y su language*, Madrid, Gredos, 1977, pp. 214 ss.)

In mir spüre ich die verworrene Empfindung eines unbekannt-  
ten Zwischenraums, die nutzlose Anstrengung eines Teils  
meines Gedächtnisses, den anderen Teil wiederzufinden. Ich  
bin außerstande, wieder an mich anzuknüpfen. Falls ich  
gelebt habe sollte, habe ich vergessen, davon zu wissen. (131)

A dificuldade reside aqui em interpretar e em escolher a equiva-  
lência da frase original "Não consigo reatar-me". Lind escolheu a boa  
solução ao traduzi-la como traduziu "ich bin außerstande, wieder an mich  
anzuknüpfen", conservando em alemão a ambiguidade da LP (língua de  
partida). Mais dúvidas oferece a tradução de "exforço fútil" por "nutzlose  
Anstrengung". Ao port. *fútil* corresponde, como se sabe, em alemão  
'nichtig, unbedeutend, belanglos': *nutzlos* corresponde exactamente a  
'inútil'. Mas talvez o tradutor tenha tido razão em, no contexto dado,  
atribuir a *fútil* o sentido de 'inútil', equacionando "exforço fútil" da LP  
com "nutzlose Anstrengung".

Minha alma está hoje triste até ao corpo. Todo eu me dôo,  
memória, olhos e braços. (167)

Meine Seele ist heute traurig bis in den Körper hinein. Mein  
ganzes Ich schmerzt mich, Erinnerung, Augen und  
Arme. (30)

Ao que é anomalia na LP "Todo eu me dôo", faz o tradutor corres-  
ponder uma construção neutra na LC (língua de chegada), "Mein ganzes  
Ich schmerzt mich", com a correspondente perda de expressividade. Mas  
a equivalência quanto à *Bezeichnung* (a *designação*)<sup>4</sup>, no que respeita ao  
sentido poético do texto, era inevitável, e nada se pode dizer em desa-  
bono da tradução.

Num intervallo de indolencia cheguei á janella aberta do  
escriptorio — ... — e contemplei com a attenção intensa e  
indifferente, que é o meu modo, aquillo mesmo que acabo de  
descrever com justeza antes de o ter visto. Sim, lá ia a  
alegria aos dois banaes, fallando a sorrir pela chuva miuda,  
com passos mais rapidos que apressados, na claridade limpa  
do dia que se velara. (168)

---

<sup>4</sup> COSERIU, E., "Kontrastive Linguistik und Übersetzung: ihr Verhältnis zueinander",  
in Wolfgang Kühlwein-Gisela Thome-Wolfram Wilss (ed), *Kontrastive Linguistik und  
Übersetzungswissenschaft*. Akten des Internationalen Kolloquiums Trier/Saarbrücken 25-  
30.9.1978. München, Fink. 1981, pp. 183-199.

In einer Pause der Trägheit trat ich an das geöffnete Fenster meines Büros — ... — und betrachtete mit intensiver, gleichgültiger Aufmerksamkeit, wie es meine Art ist, das, was ich soeben genau beschrieben habe, bevor ich es noch in Augenschein nahm. Jawohl, da marschierte die Heiterkeit in banaler Zweisamkeit und besprach sich lächelnd durch den Nieselregen hindurch bei eher schnellen als eiligen Schritten in der sauberen Helligkeit des nunmehr verhüllten Tages. (26)

"lá ia a alegria aos dois banaes" é uma frase críptica em que é difícil adivinhar o que o A. quis significar com a expressão *os dois banais* — que decerto se refere a 'dois transeuntes banais' ou algo equivalente. O tradutor fez bem em conservar a ambiguidade do sintagma, acentuando-a até pelo uso do nome abstracto *Zweisamkeit*; "lá ia a alegria aos dois banaes" — da marschierte die Heiterkeit in banaler Zweisamkeit".

Desmaiei um bocado da minha vida. Volto a mim sem memória do que tenho sido, e a do que fui soffre de ter sido interrompida. (166)

Ich habe ein Stück meines Lebens in Ohnmacht verbracht.  
Ich kehre zu mir zurück ohne eine Erinnerung an das, was ich gewesen bin, und die Erinnerung an das, was ich war, leidet darunter, daß sie unterbrochen worden ist. (131)

De novo à anomalia do original da primeira frase deste micro-lexto, com *desmaiar* usado como transitivo, cujo sujeito é a 1.ª pessoa e o objecto directo "um bocado da minha vida", corresponde na tradução uma construção gramaticalmente "correcta", que desfaz a ambiguidade do original, interpretando-o, decerto acertadamente, mas renunciando ao poder expressivo da anomalia — "Ich habe ein Stück meines Lebens in Ohnmacht verbracht". A renúncia era todavia inevitável e o texto alemão exprime apesar disso, embora com menor densidade poética, o sentido (*Sinn*) intelectual do original.

Depois que o calor cessou, e o primeiro leve da chuva cresceu para ouvir-se, ficou no ar uma tranquilidade que o ar do calor não tinha, uma nova paz em que a agua punha uma brisa sua. (168)

Seit die Hitze nachgelassen hat und der erste leichte Regenguß zu vernehmen ist, ist in der Luft eine Stille zurückgeblieben, die der Luft in der Hitze nicht eigen war, ein neuer Friede, in den das Wasser eine eigene Brise gemischt hat. (26)

"o primeira leve da chuva cresceu para ouvir-se" não me parece traduzido com muita felicidade: *Regenguß* corresponde a *chuvada, bâtega de água*; o *leve da chuva* deve referir-se a uma 'chuva miudinha', uma 'leve chuva', que vai aumentando de intensidade até se tornar audível.

Gósto de dizer. Direi melhor: gósto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. (15)

Ich formuliere gern. Besser gesagt: ich mache gern Worte. Wörter sind für mich berührbare Körper, sichtbare Sirenen, verkörperte Sinnlichkeit. (228)

*Formulieren* parece-me um verbo de sentido demasiado genérico e abstracto para 'traduzir' o verbo *dizer* do original. Não permitindo o sistema linguístico do alemão empregar *sagen* intransitivamente, entendo que *sprechen* ou *reden* substituiriam com vantagem o termo escolhido pelo tradutor. *Palavrar* é uma invenção léxica do poeta: em alemão seria impossível uma criação equivalente — a tradução pela perífrase *Worte machen* parece-me equivaler perfeitamente (salvo a capacidade expressiva do neologismo) ao *palavrar* de Bernardo Soares. Já não acho tão feliz a tradução de *sensualidades incorporadas*, no plural, pelo singular *verkörperte Sinnlichkeit*. O plural, referido a *palavras*, corresponde aos plurais anteriores *corpos* e *sereias* e tem, como eles, um sentido concreto, oposto ao valor abstracto do singular alemão *Sinnlichkeit*. Note-se ainda o contraste entre *Worte* e *Wörter*, próprio da língua alemã, e que naturalmente não está presente no original.

São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem... (15)

Es sind Sätze ohne Sinn; morbid fließen sie dahin, flüssig wie gefühltes Wasser, wie die Selbstvergessenheit eines Baches, in dem sich die Wellen vermischen und ins Unbestimmte verrinnen,... (228)

*Morbid fließen sie dahin* correspondendo a *decorrendo mórbidas* reflecte outra particularidade do alemão, que não possui na conjugação verbal uma morfotaxe equivalente ao gerúndio português. *Die Selbstvergessenheit eines Baches* é uma tradução interpretativa feliz de *esquecer-se de ribeiro*, sintagma insólito e, mais uma vez, críptico, cuja função sintáctica não é sequer aparente. *Indefinir-se* ("em que as ondas se mixturam e indefinem") constitui nova criação léxica do poeta, para a qual é impossível achar correspondência em alemão: *in dem... die Wellen... ins Unbestimmte verrinnen*, como Lind escreveu, exprime porém fielmente, a meu ver, o designado do original.

Cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos. (20)

Jeder von uns ist mehrere, ist viele, isi ein Übermaß an Selbsten. (9)

*Prolixidade*, que na linguagem actual se usa (quase?) exclusivamente na acepção de 'superabundância de palavras e razões' (p. ex., num discurso), usava-se na língua clássica (que Pessoa conhecia bem) com a significação de 'superabundância', 'excesso' em geral. *Übermaß* 'traduz' perfeitamente o que o poeta quis dizer com aquela palavra.

E muitos d'elles [papéis] me parecem de um extranho; desconheço-me nelles. (21)

Und viele von ihnen kommen mir wie von einem Fremden geschrieben vor; ich kann mich in ihnen nicht wiedererkennen. (46)

*Desreconhecer-se* é mais uma criação léxica do ajudante de guarda-livros para a qual o sistema linguístico alemão não consente uma perfeita equivalência: a tradução de Lind *sich nicht wiedererkennen* corresponde exactamente ao significado intelectual do neologismo — com perda (inevitável) embora do seu valor poético.

Estou cahindo... por todo o espaço infinito, numa queda sem direcção, infinitupla e vazia. (28)

Ich falle... durch den ganzen unendlichen Raum hindurch, in einem Sturz ohne Richtung, unendlichfach und leer. (45)

Aqui, ao neologismo pessoano *infinituplo* respondeu o tradutor com outro neologismo, *unendlichfach*, formado segundo o modelo 'normal' do

alemão, dado por palavras devidamente dicionarizadas como *mehrfach* e *vielfach*. Um caso análogo encontramos-lo no seguinte passo:

Crear dentro de mim um estado com uma politica, com partidos e revoluções, e ser eu isso tudo, ser eu Deus no pantheismo real d'esse povo-eu,... (32)  
In mir selbst einen Staat gründen, mit Politik, Parteien und Revolutionen, und ich das alies sein, Gott im wirklichen Pantheismus dieses Ich-Volkes,... (42)

em que à invenção, anómala até porque nem, em rigor, a permite o sistema linguístico do português, o tradutor fez corresponder uma invenção léxica *Ich-Volk*, permitida, em geral pela extrema liberdade da formação de palavras em alemão, sobretudo na linguagem da filosofia (cp. *das Wieder-vor-sich-sein* de Husserl).

Outro caso de tradução de um texto onde, no português, se encontra uma oração de gerúndio:

Poder sonhar o inconcebível visibilizando-o... (32)  
Das Unfaßliche zu träumen und zu veranschaulichen... (42)

Como se vê, à oração gerundial em português corresponde em alemão uma oração coordenada com o verbo no infinitivo.

Em qualquer coisa pensa no escuro o moço de fretes que modorra de dia contra o candieiro o intervallo dos carretos. Sei em que entrepensa:... (43)  
An irgend etwas denkt im Dunkeln der Lastträger, der bei Tage, an die Laterne gelehnt, in der Pause zwischen zwei Aufträgen vor sich hindöst. Ich weiß schon, was ihm durch den Sinn geht:... (25)

De novo em Pessoa uma criação léxica: *entrepensar*. A tradução alemã exprime todavia bem, através dos meios normais, o designado do texto original.

Levava uma pasta velha debaixo do braço esquerdo, e punha no chão, no rythmo de andando, um guarda chuva enrolado,... (49)  
Er trug eine alte Aktentasche unter dem linken Arm und setzte im Rhythmus seines Gangs einen eingerollten Regenschirm... auf den Boden auf. (62)

Aqui, a anomalia linguística no original é de ordem sintáctica: *o ritmo de andando* não é, por assim dizer, uma estrutura portuguesa. Lind ladeia a dificuldade traduzindo o sintagma com a construção perfeitamente normal em alemão: *der Rhythmus seines Gangs*.

Arvores tão apenas arvores, com uma verdura tão agradável aos olhos,..., tão consoladora para a minhas angustias porque não tendes olhos com que as fitardes nem alma que, fitavel por esses olhos, possa não as comprehender e troça-las! (52) *Ihr Bäume, die ihr nichts als Bäume seid, mit eurem für die Augen so angenehmen Grün steht ihr... tröstlich für meine Ängste, weil ihr keine Augen habt, mit denen ihr sie anblicken könntet und keine Seele, die im Durch-diese-Augen-Sehen diese Ängste nicht begreifen und deshalb verspotten könnte!* (67)

Neste texto as dificuldades são múltiplas. Temos primeiramente o sintagma nominal *tão apenas árvores* em função de adjunto adnominal do nome *Árvores* com que se inicia o texto e é evidentemente interjectivo. Esse sintagma em que o pronome *tão* introduz e determina o nexos advérbio *apenas* + *árvores* é evidentemente anómalo na sua estrutura sintáctica: Lind dá-lhe como correspondente uma estrutura perfeitamente normal em alemão como o seria em português — a oração relativa *die ihr nichts als Bäume seid* que poderia representar, em português, "que não sois senão árvores". Mas é evidente que, do ponto de vista poético, a construção adoptada por Pessoa é muito mais do que isso: é um contrassenso semântico porque o "ser apenas isto ou aquilo" não admite gradação e por isso o quantificador *tão* determinando *apenas árvores* é logicamente não só supérfluo mas redundante e excessivo. Mas por isso mesmo resulta para *tão apenas árvores* uma expressividade que se perde na tradução. Por outro lado, embora *fiar* signifique um 'olhar' com uma atenção e intensidade maiores do que simplesmente *anblicken* e *sehen*, temos de admitir as correspondências de Lind como talvez as mais aceitáveis no contexto. Mas *fitável por esses olhos* deve referir-se a *alma*, tendo portanto que se entender 'alma que, podendo ser fitada através desses olhos (que não tendes) etc.'. Assim sendo, a tradução "[weil ihr] keine Seele [habt], die im Durch-diese-Augen-Sehen diese Ängste etc." não corresponde ao sentido do texto.

Um vestigio louro antecede-se no ar que se revela, e o azul córa pallidamente atravez da bruma que se esfina. (87)



Eine hellbraune Spur greift sich selbst in der aufklärenden Luft vor, und die Bläue erblaßt durch den feiner werdenden Nebel hindurch. (58)

*Esfinar-se* é ainda um neologismo pessoano que os dicionários não registam, mas a tradução "der feiner werdende Nebel" é uma tradução feliz de "a bruma que se esfina". Duvidosas são pelo contrário as correspondências *louro/hellbraun, no ar que se revela/in der aufklärenden Luft, o azul cora pahdamente/die Bläue erblaßt*: "revelar-se" não é "aclarar", "corar palidamente" não é "erblasen" (que só tem relação semântica com o aciv. *palidamente*). Não obstante isso, creio que podemos dizer que o sentido da frase alemã corresponde ao do seu original.

Repugno a vida real como uma condenação; repugno o sonho como uma libertação ignobil. (96)

Ich weise das wirkliche Leben ab wie eine Verdammnis; ich weise den Traum ab wie eine unfeine Befreiung. (16)

*Repugno a vida, repugno o sonho* apresentam uma construção sintáctica anómala: a norma portuguesa exigiria aqui *repugna-me a vida, repugna-me o sonho*. A tradução por *abweisen* com *das Leben, den Traum* como objectos directos reduz a anomalia do texto de partida à "normalidade" gramatical no texto de chegada: uma parte do valor poético original se perde assim mas a tradução não podia ser outra. Quanto a *unfein* correspondendo a *ignóbil*, porém, há um evidente enfraquecimento semântico perfeitamente evitável: bastava para isso ter o tradutor escolhido outro adjectivo como *niedrig* ou *gemein*.

Apagar tudo do quadro de um dia para outro, ser novo com cada nova madrugada, numa revirgindade perpetua da emoção... (101)

Von der Tafel eines Tages alles bis zum nächsten Tag auslöschen, mit jedem Morgengrauen neu sein in ständig erneuerter Jungfräulichkeit der Empfindung... (144)

À criação léxica do poeta *revirgindade* a correspondência *erneuerte Jungfräulichkeit* é, quanto ao designado intelectual, perfeita, com a perda, embora, inevitável da conotação poética do neologismo.

Tudo se me tornou insupportavel, excepto a vida — o escriptorio, a casa, as ruas — o contrario até, se o tivesse — me sobrestava e opprime;... (104)

Alles ist mir unerträglich geworden außer dem Leben. Büro, Wohnung, Straßen — sogar das Gegenteil von ihnen, wenn ich es hätte — sind mir übergenug und bedrücken mich;... (38)

Aqui o tradutor dividiu a frase única do texto de partida em duas frases. Não é de censurar porque deste modo ele tornou mais compreensível o texto que o poeta escreveu — mas que talvez corrigisse quando chegasse a altura de publicar o livro que nunca afinal acabou. No original, a partir de *o escritório*, o que parece constituir o sujeito dos verbos *me sobrestaba* (outra inovação léxica, que Lind "traduz" muito bem por *sind mir übergenug*) e *oprime é tudo*. O tradutor tomou porém como esse termo da oração a série de nomes "Büro, Wohnung, Straßen...", colocando assim necessariamente o predicado composto no plural.

Maiores dificuldades oferece o texto seguinte:

Diagonal absurda das sensações prováveis, som súbito de carruagem de praça que são rodas no fundo dos silêncios ruidosos dos automóveis, e de qualquer modo, por um paradoxo materna! do tempo, subsiste hoje, aqui mesmo, entre o que sou e o que perdi, no antero olhar de mim que sou eu... (112)  
Absurde Diagonale wahrscheinlicher Sinneswahrnehmungen, plötzliches Geräusch eines Mietwagens, dessen Räder im geräuschvollen Schweigen der Autos quietschen. Irgendwie besteht sie dank einem mütterlichen Paradox der Zeit heute hier fort zwischen dem, was ich bin, und dem was ich vedor, im früher gewesenen Blick dessen, der ich bin... (80)

Também aqui encontramos a repartição da frase única em duas, a primeira das quais nominal, tendo a segunda como sujeito o pron. *sie*, que provavelmente se refere a *absurde Diagonale*, etc. No sintagma do texto de partida correspondente à primeira oração, depara-se-nos a inovação do verbo *soar* como transitivo — "som subito de carruagem de praça que são rodas" —, com o obj. dir. *rodas*, que na tradução se converte em suj. de uma oração, cujo verbo equivale a *soar* mas que significa um soar agudo "chiar" ou "guinchar" que não consta do original — "[Mietwagen] dessen Räder quietschen". Na segunda parte aparece outra inovação, esta léxica, sob a forma do sintagma fixo substantivo *ântero-olhar* a que Lind faz corresponder, acertadamente, o sintagma livre *der früher gewesene Blick*; mas *de mim que sou eu* tem uma correspondência menos perfeita em *dessen* (não "de mim" mas "de aquele"), *der ich bin*. É toda-

via difícil censurar o tradutor por não ter sido mais fiel onde não poderia sê-lo. Aliás, o sentido do texto de partida conserva-se essencial no de chegada.

Que bom à alma vêr calar, sob um sol alto quieto, estas carroças com palha, estes caixotes por fazer, estes transeuntes lentos, de aldeia transferida! (136)

Wie gut tut es der Seele, unter einer stillen hohen Sonne diese strohbeladenen Fuhrwerke, diese noch zu verpackenden Kisten, diese langsamen Passamen eines in die Stadt versetzten Dorfes schweigen zu sehen! (72)

Concordo com a interpretação que fez o tradutor da expressão singularmente condensada e críptica de *aldeia transferida*, que porém no original se aplica só aos "transeuntes lentos".

Toda a massa da ameaça da chuva passara para por sobre a outra margem, e a cidade baixa, húmida ainda do pouco que chovera, sorria do chão a um céu cujo Norte se azulava ainda um pouco brancamente. (141)

Die gesamte Masse des drohenden Regens war auf die andere Flußseite abgezogen und die Unterstadt, noch von ein bißchen Regen feucht, lächelte vom Boden bis zum Himmel, dessen nördlicher Teil noch weißbläulich schimmerte. (55)

O sintagma insólito *azular-se brancamente* tem um correspondente quase perfeito (poderia sê-lo mais?) em *weißbläulich schimmern*.

Vou ser julgado em cada hoje que há. E o condenado perene que há em mim agarra-se ao leito... (160)

Ich werde abgeurteilt in jedem Heute. Und der ewige Verurteilte in mir krallt sich an das Bett... (66)

Não é exacta a correspondência entre *em cada hoje que há* e *in jedem Heute* — mas poderia haver alguma mais fiel? A mesma dúvida se põe quanto a *o condenado que há em mim* e *der Verurteilte in mir*.

E a luz do dia, serena como sempre, luz obliquamente,... sobre onde estão erguendo os caixotes — não sobre os caixotes,..., mas sobre o angulo lá ao fim onde os moços de fretes estão a fazer não fazer nada, indeterminadamente. (167)

Und das Tageslicht ist so heiter wie immer; es fällt schräg ein,..., auf die Stelle, wo man die Kisten verstaute — nicht auf die Kisten .... sondern auf den Winkel dort hinten, wo die Transportarbeiter mit ihrem Nichtstun beschäftigt sind, und das auf unabsehbare Zeit. (30)

"A luz (n.) luz (v.) obliquamente" não é o mesmo que "das Licht fällt schräg" — seria possível melhor equivalência? *Estão a fazer não fazer nada* tem como correspondente quase exacto *mit ihrem Nichtstun beschäftigt sind. Auf unabsehbare Zeit* é que julgo não corresponder a *indeterminadamente*: creio que o advérbio tem aqui antes o sentido de *unbestimmt* — o seu "fazer não fazer nada" é algo de indefinido, de indistinto. Mas a interpretação de Lind é a que ocorre imediatamente e é provavelmente a interpretação certa.

Vimos até agora exemplos, creio que qualitativa e quantitativamente bastantes, de textos (ou melhor, fragmentos de textos) que o tradutor, apesar de inevitáveis dúvidas, interpretou com fidelidade embora muitas vezes com perda do valor poético do texto de partida, o que era também inevitável. Agora vamos ver, através somente de alguns exemplos, outros textos que Lind não traduziu com a mesma facilidade.

Todos os movimentos e intenções da vida, desde a simples vida dos pulmões até á construção de cidades e a fronteiração de impérios, considero-os como uma somnolencia,... (49)  
Alie Regungen und Absichten des Lebens, vom einfachen Leben der Lungen bis zum Bau von Städten und der Grenzziehung von Imperien betrachte ich als eine Schlafbefangenheit,... (62)

*Fronteiração* é mais uma criação léxica pessoal a que Lind faz corresponder o substantivo "normal" *Grenzziehung*: outra correspondência, com o mesmo carácter de inovação, não era possível. A correspondência de *Schlafbefangenheit* a *sonolência* parece feliz.

e de novo regresso á illusão mortiça que me acalentara a vaga consciencia da manhã nascendo entre o som dos carros que hortaliçam. (55)

und kehre erneut zu der erloschenen Illusion zurück, die mir das vage Bewußtsein von diesem Morgen erwärmt hatte, der mit dem Knarren der Gemüsekarren aufzog. (70)

*Hortaliçar* é ainda uma invenção "intraduzível" do poeta: *carros que hortaliçam*, isto é, "que transportam e vendem hortaliça", não poderia decerto traduzir-se melhor do que por *Gemüsekarren*. Mas *ilusão mortiça* não é *erloschene Illusion*: *mortiço* é "sem brilho ou vivacidade", "amortecido, baço" — o al. *blaß* corresponde-lhe sem dúvida melhor. Por outro lado *acalantar* nem sincrónica nem diacronicamente (deriva de *calar* — no séc. XVI aparece primeiro como *acalantar*) tem algo que ver com *calor*, sendo assim evidente que *erwärmen* é uma falsa correspondência. *Einlullen* corresponde-lhe melhor, ainda que não seja a "tradução" ideal. *Da manhã nascendo* não corresponde tampouco a *von diesem Morgen...*, *der... aufzog*.

Por vezes amollece-se-me a alma, e então os pormenores sem forma da vida quotidiana boiam-se-me á superfície da consciencia, e estou fazendo lançamentos á tona de não poder dormir. (99)

Zuweilen erschlaft meine Seele, und dann treiben formlose Einzelheiten an der Oberfläche meines Bewußtseins, und ich nehme an der Oberfläche meines Nicht-einschlafen-könnens Eintragungen vor. (140)

*Formlose Einzelheiten* não traduz *os pormenores sem forma da vida quotidiana*: esperaríamos aqui algo como *die formlosen Einzelheiten des* (ou *meines*) *alltäglichen Lebens*. Também a tradução da oração de infinitivo (*à tona*) *de não poder dormir* pelo substantivo composto (*an der Oberfläche*) *meines Nicht-einschlafen-könnens* me parece, sob o ponto de vista da "Wortbildung" alemã, pelo menos infeliz.

resvalamentos de edificios diversamente amontoados, que a luz tece de sombras e queimações... (101)

ihr hinabgleitenden, mannigfach abgestuften Gebäude aus Schatten und Bränden... (144)

Também aqui a tradução, no meu entender, deixa a desejar: o que é invocado não são os "edifícios que resvalam" mas sim os "resvalamentos de edificios" e *abgestuft* não "traduz" *amontoados*; *que a luz tece de sombras e queimações* não encontra equivalente na tradução alemã. Ainda que a medo, atrevo-me a propor uma versão mais fiel ao sentido do texto: "ihr Hinabgleitungen der mannigfach angehäuften Gebäude, die das Licht in Schatten und Bränden durchwebt".

Espaçado, um vagalume vae sucedendo(-se) a si mesmo.  
(105)

In Abständen folgt ein Leuchtkäfer dem anderen. (138)

No texto de partida não se trata de vários vagalumes que se sucedem um ao outro: é um só vagalume, que acendendo-se e apagando-se alternadamente, "vai sucedendo-se a si mesmo".

A hora harmoniza-se numa sensação inquieta, desde a invisibilidade visível de tudo até à madeira vagamente rugosa de ler estalado a tina velha do parapeito branquejante, onde está estendidamente apoiada de lado a minha mão esquerda. (105)

Eine unruhige Wahrnehmung bringt diese Stunde zur Harmonie, sie reicht von der sichtbaren Unsichtbarkeit des Ganzen bis zu dem vage gerunzelten Holz der weißlichen Fensterbrüstung, von der die alte Farbe abgeblättert ist und auf die meine Linke seitlich aufstützt. (138)

Eis um texto que oferece sérias dificuldades a um tradutor e que Lind não pôde totalmente vencer. Não me refiro é claro à presença do adv. *estendidamente*, criação do poeta e que não tem tradução possível, a não ser talvez por meio de alguma perífrase que não cabe num texto tão densamento poético. Refiro-me à construção do texto de partida *a hora harmoniza-se numa sensação inquieta*, em que o tradutor inverteu, não sei se felizmente, a ordem dos termos da oração, fazendo de *sensação inquieta* — *eine unruhige Wahrnehmung* — sujeito da primeira oração, com o verbo reflexo *harmoniza-se* substituído pela perífrase *bringt zur Harmonie* e transformando *a hora* — *diese Stunde* — em objecto directo. O que resulta no texto de chegada não corresponde ao que traz o original: "Die (ou — *porque não?* — Diese) Stunde führt in harmonischer Weise zu einer unruhigen Wahrnehmung" não conservaria melhor a obscuridade do texto de partida?

E todos — ... — terão, como eu, a grande derrota vil, entre os limos e os juncos, sem luar sobre as margens nem poesia de paues, miseravel e marçana. (125)

Und sie alle — ... — werden wie ich die große schmäßliche Niederlage zwischen Schlamm und Schilf erleben, ohne Mondlicht über den Ufern, ohne die Poesie des Sumpfes, jämmerlich und stümperhaft. (22)

Comparemos este texto com este outro do mesmo fragmento:

Pobres semi-deuses marçanos que ganham impérios com a palavra e a intenção nobre e teem necessidade de dinheiro com o quarto e a comida! (125)

Arme lehrlingshafte Halbgötter, die mit Worten und edlen Absichten Imperien gewinnen und doch dringend Geld für ihr Zimmer und ihr Essen brauchen! (22)

Em ambos ocorre o adjectivo *marçano*, que Lind verte uma vez por *stümperhaft* e a outra por *lehrlingshaft*. Já em poema datado de 1928 (o fragmento acima não tem data) o poeta, como Álvaro de Campos, dirigindo-se ao seu mestre morto Alberto Caeiro, usara o mesmo adjectivo:

Feliz o homem marçano.  
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que pesada,  
Que tem a sua vida usual,  
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,  
Que dorme sono,  
Que come comida.  
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.<sup>5</sup>

A norma portuguesa possui o substantivo *marçano* (a adjectivação é da responsabilidade do poeta) que é definido pelo *Novo Aurélio*<sup>6</sup> como: "1. Aprendiz de caixeiro. 2. *P. ext.* Aprendiz principiante" e o *Dicionário de português-alemão* dos Dicionários Editora<sup>7</sup> verte por "Kaufmannslehrling". É difícil adivinhar o significado (e daí o designado) que o poeta atribui ao substantivo adjectivado, mas esse não é certamente nem o de "lehrlingshaft" (afinal em concordância com o significado dicionarizado do substantivo), nem (pior) o de "stümperhaft". Baseando-nos no texto de Álvaro de Campos, talvez possamos interpretar o adjectivo no sentido de "comum, ordinário, vulgar" ou, talvez melhor ainda, no de "humilde e banal".

---

<sup>5</sup> O poema em questão é o que começa pelas palavras "Mestre, meu mestre querido."

<sup>6</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo dicionário da língua portuguesa*, 1.<sup>a</sup> edição (15.<sup>a</sup> impressão), Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, s/d.

<sup>7</sup> SCHAU, Udo, *Dicionário de alemão-português*. Dicionários Editora, Porto Editora, [1985]; (sem nome de autor), *Dicionário de português-alemão*, Idem, Ibidem, [1983].

E a phrase fica-me sendo a alma inteira, encosto a ella todas as emoções que sinto, e sobre mim, por dentro, como sobre a cidade por fóra, cahe a paz indecifrável do luar duro que começa largo com o anoitecer. (140)

Dieser Satz verbleibt mir und füllt meine Seele aus; an ihn lehne ich alle Gefühle an, die ich verspüre, und über mich fällt von innen her — wie über die Stadt von außen — der unbeschreibliche Friede des harten Mondlichts, das sich mit der Dämmerung auszubreiten beginnt. (56)

*Dieser Satz verbleiht mir und füllt meine Seele aus* não corresponde ao texto de partida: o que este diz é que "esta frase passa a ser a alma inteira" do poeta, *indecifrável*, por outro lado, não é *unbeschreiblich* "indescritível" — "que não pode ser decifrado ("um enigma indecifrável"), "que não pode ser interpretado" — em última análise "incompreensível".

O somno ido levou consigo qualquer coisa que nos tornava humanos. Há uma irritação latente conosco, parece, no mesmo ar inorgânico que nos cerca. Somos nós, afinal, que nos desapoíamos, e é entre nós e nós que se fere a diplomacia da batalha surda. (152)

Der verpaßte Schlaf hat etwas von unserer Menschlichkeit mit sich genommen. Eine latente Gereiztheit scheint sogar in der uns umgebenden Luft zu liegen. Letztlich sind wir selbst es, die nicht mit uns einverstanden sind und zwischen uns selbst wird die Diplomatie der geräuschlosen Schlacht ausgetragen. (57)

*O sono ido* não é *der verpaßte Schlaf*, mas sim "o sono que (já) foi (quer do verbo *ser*, quer de *ir*), que passou". *Hat etwas von unserer Menschlichkeit mit sich genommen* não corresponde tampouco a *levou consigo qualquer coisa que nos fazia humanos*: "hat etwas, was uns zu Menschen machte, mit sich genommen" traduz fielmente o que o texto de partida significa. *Inorgânico*, referido ao *ar... que nos cerca*, não foi simplesmente "traduzido" — o que aliás não faz muita falta. *Somos nós, afinal, que nos desapoíamos* pode, ainda que com certa dificuldade, considerar-se como equivalente no texto original de *letztlich sind wir selbst es, die nicht mit uns einverstanden sind*; mas já não podemos deixar de lamentar que seja tão pálida a correspondência de *zwischen uns selbst* ao tão expressivo *entre nós e nós*, para que aliás não há talvez outra tradução possível em alemão. O que está inequivocamente errado é a versão



de *batalha surda* por *geräuschlose Schlacht*: o adj. *surdo* tem aqui com efeito a acepção que o *Novo Aurélio* define por "oculto, secreto, esconso; feito, tramado, maquinado às ocultas": é nessa acepção que se entende por exemplo uma frase como "Os adversários do ministro têm-lhe movido *uma guerra surda*".

No corredor, encontrando-nos casuaes para a surpresa esperada da despedida, dei-lhe eu um abraço timidamente retribuido, e tive contra-alma bastante para não chorar, como, em meu coração, desejavam sem mim meus olhos quentes. (158)  
Auf dem Korridor, wo wir uns zufällig zur erwarteten Überraschung des Abschieds begegneten, habe ich ihn umarmt, was er schüchtern erwiderte, genug Gegen-Seele besessen, um nicht loszuweinen, wie es ohne mein Herz meine heißen Augen sich wünschten. (33)

*Wie es ohne mein Herz meine heißen Augen sich wünschten* não é o equivalente do texto de partida: *em meu coração* não é *ohne mein Herz* mas "in meinem Herzen; e *como,...*, *desejavam sem mim meus olhos quentes* não pode traduzir-se por *wie es... meine heißen Augen sich wünschten* mas por algo como "wie es meine heißen Augen, ohne mich, (sich?) wünschten".

Não sei se durmo, ou se só sinto que durmo. Não sonho o intervalo certo, mas reparo, como se começasse a despertar de um somno não dormido os primeiros ruidos da vida da cidade, a subir, como uma cheia, do lugar vago, lá em baixo, onde ficam as ruas que Deus fez. (160)  
Ich weiß nicht, ob ich schlafe oder ob ich nur fühle, daß ich schlafe. Ich träume nicht von diesem sicheren Zwischenzustand, sondern ich achte, als erwachte ich aus einem nicht geschlafenen Schlaf, auf die ersten Geräusche des Stadtlebens, das wie eine Meeresflut aus dem undeutlichen Brunnen dort unten auftaucht, wo die von Gott beschaffenen Straßen liegen. (66)

*Ich träume nicht von diesem sicheren Zwischeniustand* não é o equivalente do texto de partida: seria preferível algo como "Ich erträume [*sonhar surge aqui contra a norma como transitivo*] nicht den bestimmten Zwischenraum". *Ich achte auf* não é permitido pelo original. *Os primeiros ruidos da vida da cidade* é objecto directo de *despertar*. *Cheia* tam-pouco tem como equivalente *Meeresflut*; antes sim *Überschwemmung*.

*Aus dem undeutlichen* Brunnen não corresponde evidentemente a *do lugar vago* que se encontra no texto de partida e que literalmente se traduz por "aus dem vagen Raum".

E o dia que raia definitivamente, a magua que raia em mim como a verdade crua do dia, o que sonhei, o que pensei, o que se esqueceu em mim — tudo isso, num amalgama de sombras, de ficções e de remorsos, se mistura no rastro em que vão os mundos e cahe entre as coisas da vida como o esqueleto de um cacho de uvas, comido á esquina pelos garotos que o roubaram. (160)

Und der Tag, der endgültig anbricht, die Trübsal, die in mir aufsteigt wie die rohe Wahrheit des Tages, was ich träumte, was ich dachte, was ich in mir vergaß — all das vermischt sich zu einem Amalgam aus Schatien, Fiktionen und Gewissensbissen auf der Spur, auf welcher die Welten rollen, und fällt unter die Dinge des Lebens wie der Stiel einer Weintraube, die an der Straßenecke von den Jungen gegessen wird, die sie gestohlen haben. (66)

Em primeiro lugar, uma nota para lamentar que a metáfora *o esqueleto de um cacho de uvas* não tenha sido conservada: em vez do normal e prosaico de *der Stiel* não seria possível ter empregado *das Gerippe einer Weintraube*, decerto com maior expressividade? E, concordando com o texto de partida e com o sintagma alemão *der Tag, der endgültig anbricht*, que imediatamente antecede, não seria também possível conservar o metaforismo de *a mágoa que raia em mim*, "traduzindo" aqui *raiar* (anteriormente vertido como *anbrechen*, referido ao dia que rompe) por *aufgehen* ou de novo por *anbrechen* igualmente metafóricos? *0 que se esqueceu em mim*, com a sua construção anómala parece-me encontrar a tradução ideal em *was ich in mir vergaß*. Já não direi o mesmo do que segue: *ali das vermischt sich zu einem Amalgam aus Schatien*, etc. não é o equivalente do texto de partida — *tudo isso, num amalgama de sombras,..., se mistura*, etc... Esperaríamos algo como *all das, in einem Amalgam aus Schatten..., vermischt sich*, etc.

ter a liberdade de ser inconsciente, um refugio do lago esquecido, estagnado entre frondes arvores, nos vastos afastamentos das florestas. (160)

die Freiheit besitzen, unbewußt zu sein, in der Zuflucht des vergessenen Sees, der zwischen belaubten Bäumen in der Weite der Wälder ruht. (66)

*Fronde* adj. é criação do poeta, em vez de *frondoso*, que Lind traduz bem por *belaubt*. Mas no todo a tradução não é fiel à designação do texto de partida nem portanto ao seu sentido. *Um refúgio do lago esquecido* é, como *inconsciente*, um predicativo de *ser*: “ter a liberdade de ser inconsciente, de ser um refúgio, etc.”. Por outra parte, a oração relativa *der zwischen belaubten Bäumen... ruht* não equivale ao texto de partida, enquanto *estagnado* e *afastamentos* não têm a sua devida correspondência no texto de chegada. Neste deveríamos ter algo como: "die Freiheit besitzen, unbewußt zu sein, die Zuflucht des vergessenen Sees, zwischen belaubten Bäumen gestaut, in den weiten Entfernungen der Wälder".

Para os lados da barra, onde o ter cessado o sol cada vez mais se acaba, a luz extingue-se em branco lívido que se azula de esverdeado frio. (181)

Zur Flußmündung hin, wo sich das Sonnenlicht mehr und mehr seinem Ende zuneigt, erlischt es in fahlem Weiß, das sich mit kühlem Grün blau einfärbt. (74)

*O ter cessado o sol cada vez mais se acaba* é uma expressão paradoxal dificilmente traduzível, mas a correspondência *das Sonnenlicht a o ter cessado o sol* é francamente infeliz: melhor, embora também não equivalente à perífrase pessoana, seria *der Sonnenuntergang*, embora conservando a correspondência *cada vez mais se acaba* com *mehr und mehr seinem Ende zuneigt*. *Das sich mit kühlem Grün blau einfärbt* corresponde quase perfeitamente ao texto de partida, excepto quanto a *Grün* que não traduz o *esverdeado* do original: melhor seria *Grünlich*.

Na negrura da noite a própria casaria destaca pouco, entre si, as suas diversas cores, ou tons de cores: só diferenças vagas, dir-se-hia abstractas, irregularizam o conjunto atropelado. (187)

Im Dunkel der Nacht heben sich die Häusermassen, ihre verschiedenen Farben oder Farbnuancen nur wenig voneinander ab; nur undeutliche, fast könnte man sagen abstrakte Unterschiede lassen das beeinträchtigte Gesamtbild unregelmäßig erscheinen. (83)

*Irregularizam o conjunto atropelado* (onde *irregularizar* é nova criação léxica de Pessoa) não foi traduzido com grande sucesso: *Gesamtbild*, embora no contexto não reprovável, seria mais exactamente vertido por *das Ganze*; *beeinträchtigt* por *atropelado* é porém de todo inaceitável

— esse adjectivo, que o poeta emprega com um valor anómalo, mas que se compreende a partir de uma das acepções do verbo respectivo *atropelar-se* ("apinhar-se ou aglomerar-se em desordem", segundo a definição do *Novo Aurélio*), poderia traduzir-se simplesmente (embora não com as conotações originais) por *verworren*.

Não sei se houve outros seres que fomos, cuja maior completidão sentimos hoje, na sombra que d'elles somos, de uma maneira incompleta — perdida a solidez e nós figurando-nol-a mal nas só duas dimensões da sombra que vivemos. (312)

Ich weiß nicht, ob es andere Wesen gegeben hat, die wir einmal waren, deren größere Vollständigkeit wir heute fühlen, da wir nur noch ihre Schatten sind — sie haben ihre Festigkeit eingebüßt, und wir können sie uns schlecht vorstellen in der Zweidimensionalität des von uns gelebten Schattens. (153)

*Completidão*, criação do poeta, encontra correspondência perfeita no al. *Vollständigkeit*, mas *na sombra que deles somos* não tem (não sei se poderia ter) na oração *da wir nur noch ihre Schatten sind* uma boa equivalência e *de uma maneira incompleta* do texto de partida foi simplesmente suprimido no texto de chegada para mal porque este sintagma é essencial ao sentido: "na sombra que dele somos, *de uma maneira incompleta*" — sendo esta *incompletidão* (o neologismo é agora meu) posta em contraste com a *maior completidão* dos seres que porventura antes fomos. *Perdida a solidez*, isto é, "tendo nós perdido a solidez que era deles" não encontra uma boa equivalência no texto alemão.

Estou farto do que nunca tive nem terei, tediento de deuses por existir. (384)

Ich bin dessen übersatt, was ich nie besessen habe und auch nie besitzen werde, überdrüssig auch der etwa in der Zukunft existierenden Götter. (178)

*Tediento* é ainda uma inovação pessoana, que Lind traduziu sem dificuldade por *überdrüssig*. Mas *deuses por existir* não são deuses que possivelmente virão a existir mas deuses inexistentes: o idiotismo português *por* + Infín. significa que algo que deveria, se esperaria ou desejaria que tivesse acontecido (ou sido, estado) não aconteceu (ou não

foi, ou não esteve): "A carta ficou *por escrever*" significa "A carta (afinal) não foi escrita".<sup>8</sup>

As cousas são a matéria para os meus sonhos; por isso applico uma atenção distrahidamente sobreatenta a certos detalhes do Exterior. (374)

Die Dinge sind der Stoff für meine Träume; deshalb wende ich meine zerstreute Aufmerksamkeit auf gewisse Einzelheiten der Außenwelt. (176)

*Meine zerstreute Aufmerksamkeit* não corresponde a *uma atenção distraidamente sobreatenta* mas a algo como "eine zerstreut überaufmerksame Aufmerksamkeit". Na sua tradução Lind passa por alto o adj. *sobreatento* (criado pelo poeta e que no sintagma em causa tem tanto relevo semântico) e faz equivaler ao adv. *distraidamente*, que no original modifica o adj. *sobreatento*, o adj. *zerstreut* que contradiz precisamente esse adjectivo com que o poeta modifica o núcleo do sintagma *atenção*. Com isto o tradutor traí o próprio "sentido" do texto.

Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos. (389)

Wir können nie aus uns selbst aussteigen. Nie gelangen wir zu jemand anderem, nur wenn wir uns mit der sensiblen Phantasie zu anderen machen. (182)

A criação pessoana *outrar-se* é traduzida por *sich zu anderen machen*: a "vis poetica" do neologismo perde-se desta maneira, mas a língua de chegada não tem a possibilidade de formar um verbo do adj, *ander* — nada podemos observar em desfavor da tradução. Temo sim em *der sensiblen Phantasie* por *a imaginação sensível de nós mesmos* em que *de nós mesmos* foi escamoteado ou esquecido, prejudicando o sentido do texto.

Atraz dos primeiros menos-calores do estio findo vieram, nos acasos das tardes, certos coloridos mais brandos do ceu amplo, certos retoques de brisa fria que anunciavam o outomno. Não era ainda o desverde da folhagem, ou o des-

---

<sup>8</sup> Ver FERNANDES, Henrique Barroso, *O aspecto verbal perifrástico em português contemporâneo*, Universidade do Minho, Braga, 1988 (edição policopiada, a imprimir em breve).

prenderem-se das folhas, nem aquella vaga angustia que acompanha a nossa sensação da morte externa, porque o ha de ser também a nossa. (434)

Nach den ersten weniger heißen Tagen des endenden Sommers erschienen im Zufall der Abende sanftere Farbwirkungen am weiten Himmel, Ansätze zu einer frischen Brise, die den Herbst ankündigten. Noch vergilbt das Laub nicht, noch lösen sich nicht die Blätter ab, noch herrscht nicht jene unbestimmte Angst, die unsere Wahrnehmung der sterbenden Natur begleitet, weil wir von ihr auf unser eigenes Ende schließen. (207)

Não podemos lamentar que o tradutor não tenha encontrado (ou "inventado") neologismos equivalentes às criações léxicas pessoais *os menos-calores* (a que faz corresponder a perífrase banal e mais concreta *die weniger heißen Tage*) e *o desverde da folhagem* (tão indefinido e tão poético, a que dá a equivalência, igualmente mais concreta — *noch vergilbt das Laub nicht*). O sistema linguístico alemão não permitia outra coisa, como não permite uma oração substantiva de infinitivo correspondente a *o desprenderem-se das folhas*, ainda por cima com o infinitivo conjugado. Mas há outros pontos em que não concordamos com o tradutor. Primeiramente *o estio findo* não é *der endende Sommer* mas *der geendete Sommer: findo* é "que findou, passado; concluído, acabado"<sup>9</sup>. Por outro lado, não atinamos por que usou o presente — *noch vergilbt das Laub nicht* — onde o texto de partida tem o imperfeito — *não era ainda o desverde da folhagem* — nem por quê os verbos — *noch lösen sich nicht die Blätter ab, noch herrscht nicht jene unbestimmte Angst* — onde esse texto apresenta sintagmas nominais (em *o desprenderem-se* o Infin. ocorre nominalizado) dependentes de *não era ainda* que inicia a oração, conferindo à paisagem outoniça uma imobilidade de evocação.

Mais vale supremamente não agir que agir inutilmente, fragmentariamente, imbastantemente, como a innumera superflua maioria inane dos homens;... (495)

Besser ist es, hoheitsvoll nicht zu handeln als nutzlos, fragmentarisch und unzureichend zu handeln wie die überflüssige Mehrheit der Menschen;... (227)

Acho que *supremamente* tem aqui, não o sentido de *hoheitsvoll*, mas talvez o de "pondo-se acima de tudo" — "über allem stehend".

---

<sup>9</sup> V. nota 6.

*Imbastantemente*, a que já me referi, encontra, sem a expressividade do neologismo, em *unzureichend* "tradução" satisfatória. Mas *die überflüssige Mehrheit der Menschen* não corresponde suficientemente ao texto de partida: os três adjectivos que caracterizam no português o substantivo *maioria* aparecem no texto de chegada como correspondentes, uni só, *überflüssig*, que efectivamente é equivalente apenas de *superfluo*. Em vez do que está, atrevo-me a propor "die unzählbare überflüssige nichtige Mehrheit der Menschen".

Acabei por não fazer o que me tinha proposto e o ensaio, que me custou muitas horas de trabalho, não pode dizer-se que seja na verdade um estudo de linguística contrastiva, redundando numa análise comparada do original de *O Livro do Desassossego* e da sua tradução alemã. Não é uma crítica desta — tanto mais que para a comparação escolhi precisamente alguns dos passos mais difíceis da obra pessoana, que aliás em geral (e não só nesses passos) é extremamente difícil, constituindo um verdadeiro repto à inteligência do simples leitor e ainda mais do tradutor — repto que Lind aceitou com brio e com sucesso. Todavia, se em alguma coisa contribuí para essa crítica e, através dela, para uma melhoria da tradução numa nova edição, já este trabalho não terá sido de todo inútil. De uma coisa estou certo: é que nele procurei fazer "a reconstrução do sentido intencionado pelo autor", que K. H. Delille considera a empresa básica para a crítica das traduções de obras literárias<sup>10</sup> e que eu exigiria para a de todas as traduções.

#### TEXTOS UTILIZADOS

- Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos: Mana Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. 2 vol, Lisboa. Ática, 1982.
- Fernando Pessoa, *Das Buch der Unruhe des Hilfsbuchhalters Bernardo Soares*, aus dem Portugiesischen übersetzt and mit einem Nachwort versehen von Georg Rudolf Lind, Zürich, Ammann Verlag, 1985.

Subsidiariamente, servi-me ainda de

- Obra em prosa de Fernando Pessoa. *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares, 1.ª e 2.ª partes. Introdução e nova organização de lesIOS de António Quadros. 2 vol., Lisboa, Livros de Bolso Europa-América, s/d.

---

<sup>8</sup> DELILLE, Karl H. et al. *Problemas da tradução literária*, Coimbra, Livraria Almedina, 1986.